

31.

IGREJA DE SANTA MARIA DE BARRÔ



	Rua de Santa Maria de Barrô, Barrô Resende
	41° 7' 44.39" N 7° 52' 57.40" O
	918 116 488
	Dom. 8h30/8h (inv./ver.)
	Santa Maria 15 agosto
	Monumento Nacional 1922
	P. 25
	P. 25
	x

A Igreja de Barrô foi edificada na margem esquerda do rio Douro, num terreno de acentuado pendente, pelo que a fachada principal se encontra a uma cota mais baixa do que a capela-mor. Trata-se de um edifício românico tardio, é certo, mas que ensaia já na região uma estética que se aproxima do gótico, que por altura da sua construção já se afirmava noutros estaleiros do País. Embora saibamos remontar ao século XII, a fundação da Igreja de Barrô como igreja particular de Egas Moniz (1080-1146), o Aio, que lhe veio às mãos por doação real, nada alcançamos sobre o que então se edificou/transformou ou se apenas foi dada continuidade ao culto, praticado, talvez, num templo já existente. Como se sabe, Egas Moniz foi “tenente” de São Martinho de Mouros entre 1106 e 1111 (pelo menos) e governador da região de Lamego entre 1113-1117 - e talvez até mais tarde. Tendo conseguido afirmar-se politicamente no reino em construção, Egas Moniz, dos de Ribadouro, fez copiosas dádivas a institutos religiosos, sendo de destacar o Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), onde se fez sepultar. Mais tarde, sua nora, D. Sancha Vermudes (c. 1130-?) doou o padroado de Barrô à ordem dos hospitalários (1208).

Assim, o poder que se associa a estes padrões justifica plenamente a construção de um edifício com algum aparato e devedor de significativas influências, de que destacamos a da sé de Coimbra, via sé do Porto, patente ao nível da composição da fachada principal. Embora em Barrô não exista um corpo avançado a enquadrar o portal e a rosácea emoldurada por janelão que se lhe sobrepõe, estamos seguramente diante de um edifício que é devedor destes modelos catedralícios, pelo que terá sido seguramente edificado no século XIII. Se, no janelão, as arquívoltas que enquadram a rosácea protogótica são de volta perfeita, no portal são já quebradas. E, neste último, a escultura dos capitéis, de temática vegetalista e floral, anuncia-nos o gótico, pois os seus motivos naturalistas colam-se muito ao cesto. De notável elaboração é o tímpano do portal, ostentando uma cruz vazada muito ornamentada. A torre sineira que se adossa à fachada principal no lado sul foi reconstruída em finais do século XIX.

A composição dos portais laterais contrasta muito com a da fachada principal. Pelas suas características confirmamos estar diante de um edifício românico edificado tardiamente e que aceitou uma nova estética, pois, apoiando-se na espessura do próprio muro, não tem colunas a sustentar as arquívoltas. Os cachorros assumem uma grande variedade de formas.

No interior da Igreja impera o granito. As dimensões da nave e da capela-mor, particularmente ao nível da sua altura, anunciam-nos já o gótico. Com uma ampla abertura, o arco triunfal, apesar da estética ainda muito românica dos seus capitéis, revela-nos já a mudança na liturgia. Às cabeceiras românicas, intimistas, mais baixas e estreitas do que a nave, criadoras de espaços de recolhimento, sucedem-se as amplas e iluminadas cabeceiras góticas, abertas aos fiéis.

Sabendo-se que a figuração humana não é um motivo comum do românico português, atente-se ao capitel que, do lado da Epístola, nos mostra uma cena de caça, cuja figura central é um homem que,





além de tocar um corno de caça, segura com a mão direita uma lança. O corno de caça era habitualmente usado para transmitir sinais em momentos de perigo. Do lado direito, um quadrúpede (talvez um bovídeo), e do outro lado, uma personagem que parece munida de uma espécie de escudo na mão direita e com uma moça na mão esquerda. O tema da caçada, enquanto alegoria de luta contra o mal, está também representado no capitel do outro lado, onde um javali é agarrado por uma pata e por uma orelha por dois quadrúpedes, talvez dois cães. O arco central da capela-mor, que ajuda a sustentar a abóbada, mostra já capitéis que denunciavam um outro gosto, mais aproximado daquele que se disseminou em torno da bacia do Sousa e que tratou os motivos vegetalistas com talhe a bisel.

A parte terminal da capela-mor resulta de uma ampliação feita para acolher o

cenográfico retábulo barroco, composto dentro do gosto joanino, e onde um imponente trono eucarístico define a sua composição. À invocação mariana medieval (Santa Maria) sucedeu, já no período moderno, a Virgem da Assunção, que ocupa o lugar titular no retábulo maior e respira o mesmo estilo da linguagem da talha. Certamente que os retábulos colaterais foram feitos num período anterior, ainda devedores do estilo nacional que a talha portuguesa tanto adorou.

Digno de destaque, na capela-mor, é o conjunto escultórico do Calvário, de excêntricas dimensões, constituído por Cristo crucificado, a Virgem e São João Evangelista. Embora não se encontre no local para que foi concebido, este conjunto alinha com o espírito barroco e a linguagem decorativa plasmada no retábulo maior, sendo provavelmente encomenda da mesma época.